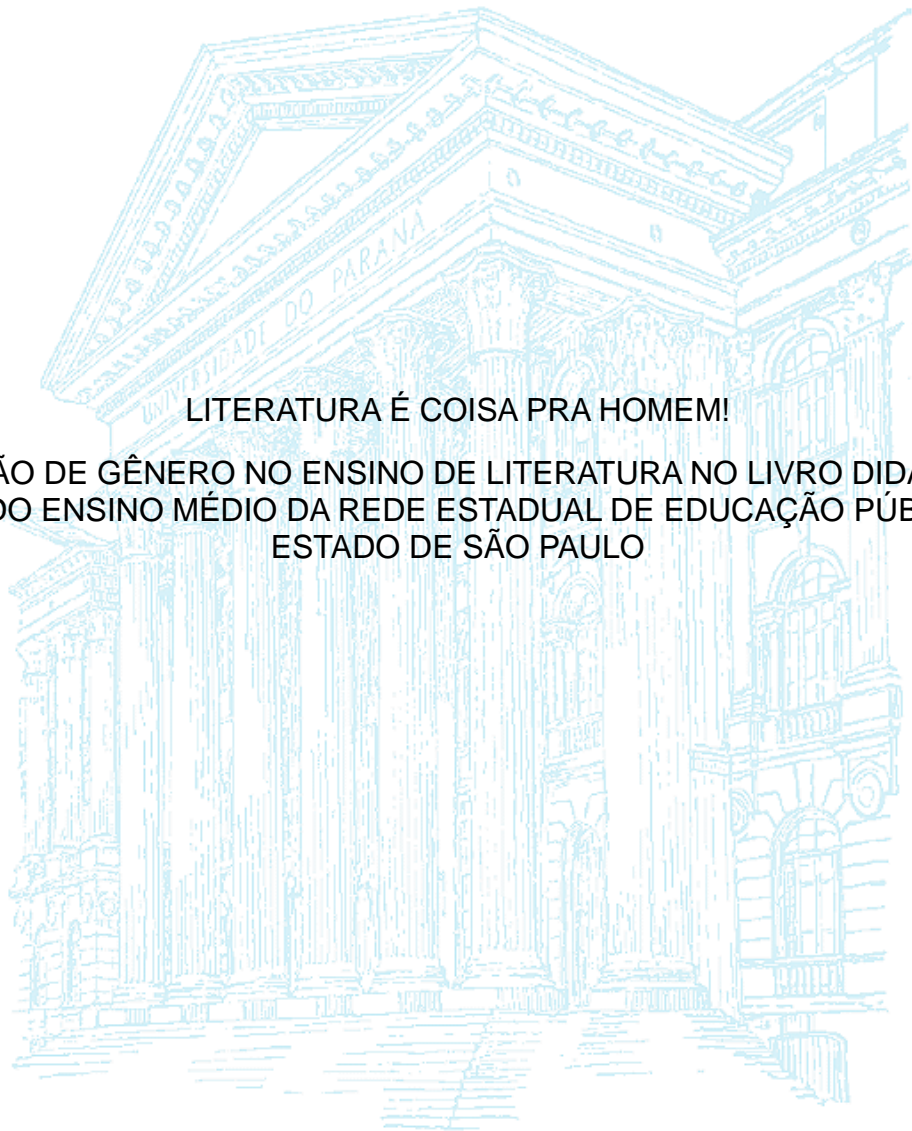


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNO ARRUDA FELIPE

LITERATURA É COISA PRA HOMEM!

A RELAÇÃO DE GÊNERO NO ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO DO  
1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PÚBLICA DO  
ESTADO DE SÃO PAULO



SÃO PAULO  
2016

BRUNO ARRUDA FELIPE

LITERATURA É COISA PRA HOMEM!

A RELAÇÃO DE GÊNERO NO ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO  
DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PÚBLICA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Marcos Fernandes

SÃO PAULO  
2016

# LITERATURA É COISA PRA HOMEM!

## A RELAÇÃO DE GÊNERO NO ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Bruno Arruda Felipe<sup>1</sup>; Marcos Fernandes<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Licenciatura Plena em Letras. E-mail: brunoarpe@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduado em História. Mestre em Estudos Literários. Universidade Federal do Paraná UFPR.  
E-mail: historiadormarcos@gmail.com

### **Resumo**

O presente trabalho teve como objetivo geral refletir sobre a questão de gênero no ensino de literatura do livro didático do 1º ano do ensino médio da rede estadual de educação pública do estado de São Paulo. Nos objetivos específicos, teve buscar a presença do discurso patriarcal no ensino de literatura no livro didático e descrever a relação de gênero presente no ensino de literatura do livro didático no ensino médio da rede pública. Utilizamos como objeto de estudo um livro didático da unidade escolar onde o orientador atua como professor de Língua Portuguesa e Literatura. Observamos uma forte predominância do discurso de superioridade do homem em relação à mulher. Essa predominância notou-se através das atividades propostas pelo material. Ainda que a literatura carregue ares do universo patriarcal, o livro didático, enquanto uma alternativa para os/as profissionais da educação, precisa propor atividades que desenvolvam uma reflexão crítica para além do senso comum. Acreditamos que o presente trabalho demonstre a grande responsabilidade de quem produz o livro didático e a importância de professores e professoras refletirem sobre ele, visto que nosso trabalho não se encerra nessa análise. Ele se constrói, realmente, na prática em sala de aula.

**Palavras-chave:** ensino de literatura; livro didático; relação de gênero

### **Abstract**

This study aimed to reflect on the issue of gender in literature teaching textbook for the 1st year of high school of the state of public education in the state of São Paulo. The specific objectives, had to seek the presence of patriarchal discourse in the teaching of literature in the textbook and describe this kind of relationship in literature

teaching textbook in high school in public schools. We use as object of study a textbook of school unit where the mentor serves as professor of Portuguese Language and Literature. We observed a strong predominance of the superiority of man speech against women. This predominance was noticed through the activities proposed by the material. Although the literature charge air of patriarchal universe, the textbook as an alternative to / professional education, need to propose activities that develop critical thinking beyond common sense. We believe that this study demonstrates the great responsibility of those who produce the textbook and the importance of teachers and teachers reflect on it, because our work does not end this analysis. It is built really in practice in the classroom.

**Keywords:** teaching of literature; textbook; gender relations

## INTRODUÇÃO

O trabalho em sala de aula traz aos/às profissionais da educação muitos conflitos e, em relação aos conflitos, poucas soluções. A prática diária é bombardeada por inúmeros questionamentos, da própria ação docente até os rumos da educação básica em nosso país. Sabemos que a escola é um espaço privilegiado que recebe uma pluralidade (quase) infinita de crianças e jovens pelo Brasil afora e é, por isso, preciso refletir sobre os materiais que chegam aos professores e às professoras nas escolas e sobre as orientações impostas como verdadeiras e indelévels.

Esses materiais podem contribuir, direta ou indiretamente, com a disseminação de valores que não condizem com o processo democrático ao qual nosso país e nosso povo vêm conquistando, principalmente, ao longo das últimas três décadas. Partindo dessa análise surgiu, no exercício do ser professor, o seguinte questionamento “Como se dá a construção dos valores sobre a relação de gênero no ensino de literatura no livro didático do primeiro ano do Ensino Médio da rede pública de São Paulo?”.

O ensino de literatura vem sofrendo forte crise nas escolas públicas. Inúmeros estudos na área buscam alternativas para que esse ensino não finde nas salas de aula da rede pública e possam garantir aos/às estudantes o direito à leitura de textos com grande valor estético. Todorov (2007, p. 76) afirma que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

É fundamental ressaltar que o projeto não tem como proposta à leitura literária e, tão pouco, enveredar-se pelas correntes literárias com suas características específicas. Propomo-nos a analisar a relação de gênero, fazendo

crítica ao patriarcalismo, ou seja, ao machismo impregnado nas relações sociais. Analisar a relação de gênero sobre essa ótica é desafiadora, levando em consideração a preservação da ação patriarcal nas atitudes cotidianas, dentro e fora da escola. Assim, o projeto pode vir apresentar limitações nas análises por haver uma luta constante – e do próprio autor – para desvencilharmos-nos desses valores *feminicidas* que cerceam a criança e o jovem de ampliar sua visão e ter novos olhares sobre a relação da vida humana.

Com base no tema, para responder à pergunta chave, pautamo-nos em materiais e autores que se relacionam com a análise do discurso: Mikhail Bakhtin, Eni P. Orlandi; com a relação de gêneros: Jucélia Bispo dos Santos, Daniela Auad, Marcos Claudio Signorelli; a literatura e literatura patriarcal/feminista: Tzvetan Todorov, Melissa Carvalho Gomes, Natalia Helena Wiechmann ; e com os livros didáticos: Bonfim Queiroz Lima Pereira & Márcio Araújo de Melo, Cristiane Bereta da Silva;

De acordo com Silva (2007), “como objeto e produto cultural, além de inscrever-se numa longa tradição, o livro didático contém um sistema de valores, de determinadas ideias, de uma cultura”. Assim, precisamos tomar partido diante do livro didático e indagar a nós e a ele sobre sua subserviência ou não a ideologia dominante. Na escola, o LD<sup>1</sup> chega pronto e acabado, não tendo espaço, exceto os que apresentam alguma dinâmica, para intervenções e muito menos para transgressões. Segundo Pereira & Melo (2013), os significados dos livros didáticos “vem pronto de acordo com a concepção de um crítico literário ou de uma postura teórico-crítica, de um livro didático ou sistema de apostilamento, ou mesmo pela imposição”.

Por seu comprometimento com o momento histórico, o livro didático deve pluralizar-se cada vez mais. A produção feminina deve desvencilhar-se da produção masculina, dando destaque e valorização específicos. No apoio à crítica ao patriarcalismo, os movimentos feministas do século passado contribuíram para inserção e valorização das mulheres na sociedade, mesmo que a desigualdade seja gritante em inúmeros setores ainda. Segundo Alves (p.15, 1991. Apud Santos), “Atualmente, o feminismo é um movimento social que defende igualdade de direitos e status ente homens e mulheres em todos os campos”. Desse modo, podemos compreender o avanço dos estudos tendo como base as relações de gênero, como afirma Santos (2011), “Nas duas últimas décadas do século XX, as ciências sociais foram movidas pelos estudos feministas. Tais estudos analisavam a vida social a partir da experiência das relações de gênero”.

De acordo com Gomes (2003), “Para entendermos o papel da literatura feminina, ou de qualquer outra obra na literatura, é importante discutir a função intrínseca do discurso na estrutura textual”. É necessário analisar o discurso, com forte distanciamento, questionando a influência da palavra que constrói uma imagem subserviente da mulher em detrimento ao homem, tornando-se senso comum no espaço escolar. Contudo, se a palavra tem a capacidade de tornar inalteráveis ideias e valores seculares, ela também tem o poder de desnaturalizar o que se aceitava como natural, porque:

---

<sup>1</sup>Utilizamos a abreviação “LD” para nos referirmos aos “Livros Didáticos”.

a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (Bakhtin, p. 36, 1990)

## **OBJETIVOS**

Com base nos autores e com a análise do material coletado, pretendemos contemplar os objetivos do nosso projeto. Enquanto objetivo geral, o nosso é refletir sobre os valores na relação de gênero no ensino de literatura no livro didático do primeiro ano do ensino médio da rede pública de São Paulo. Por se tratar de um projeto de período curto, optou-se apenas por um exemplar do primeiro ano, pois, caso a análise ampliasse-se, os resultados não seriam satisfatórios. Temos dois objetivos específicos que serão respondidos no decorrer do projeto. Primeiro, buscar a presença do discurso patriarcal no ensino de literatura no livro didático e, segundo, descrever a relação de gênero presente no ensino de literatura do livro didático no ensino médio da rede pública.

## **METODOLOGIA**

Para compreendermos a metodologia que foi utilizada no artigo foi necessário refletir sobre as linguagens verbais e não verbais apresentadas nos textos. Analisamos um LD do primeiro ano do Ensino Médio que estava sendo utilizado na escola onde o pesquisador é docente. A edição é da organizadora “Edições SM”, referente aos anos 2015, 2016 e 2017.

Iniciamos com uma pesquisa bibliográfica. Na sequência, a metodologia descritiva foi a base do nosso trabalho. Realizamos um levantamento qualitativo onde levamos em conta os discursos e as imagens que direta ou indiretamente apresentaram a discriminação de gênero, subserviência da mulher, assim como a literatura patriarcal sem apresentar um debate, uma reflexão sobre a temática.

Por mais que há períodos na literatura em que a imagem da mulher se apresentou a um nível de submissão em relação a dos homens, temos como exemplo o Romantismo, é necessário que os livros didáticos permitam uma reflexão contra hegemônica. Os tempos são outros, e até que ponto a análise de uma obra deve seguir a um puritanismo interpretativo? É através do levantamento dessas informações explícitas ou implícitas no livro didático que tivemos os dados para analisar sobre como o ensino de literatura nos livros didáticos do ensino médio da rede pública de São Paulo contribui para a perpetuação ou para a invisibilidade da questão de gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do discurso exposto no material e das imagens que servem como estudo, apresentamos a presença do modelo patriarcal de conceber a sociedade e, com essa presença, seguimos descrevendo, de maneira reflexiva, baseado nas autoras e nos autores, a relação de gênero no material didático. Por uma questão de organização, utilizamos as letras “SM” para nos referirmos ao material didático da editora “Edições – SM”.

A ação do sujeito sobre o objeto produzido não está desvincilhada da história. Segundo Orlandi (2013, p. 47):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.

Os livros didáticos negam-se a questionar o modelo dominante, reproduzindo os valores e os ideais do homem europeu cristão. A presença da mulher sempre em forma angelical ou infantil. As atividades não propõem sair do senso comum, sempre estão condicionadas a fortificar a visão patriarcalista. São os estudos voltados unicamente para os exames dos vestibulares, não levando em conta a formação de jovens para o exercício de uma cidadania digna de respeito e de admiração. Desse modo, o conhecimento, no caso a escola, é meio simplesmente para se chegar ao pódio. Ter um lugar ao sol. É o ensino e a aprendizagem em prol da meritocracia.

O quadro que segue aborda as questões, apresentando alguns exemplos cuja abordagem demonstra o papel de submissão da mulher diante do universo masculino. Assim, apresentamos a busca do patriarcalismo e descrevemos a relação de gênero presente no material.

Podemos observar que marcam a relação de gênero tratando a mulher como objeto de análise. De acordo com o levantamento realizado pelo teor do conteúdo das questões, desenvolvemos o seguinte quadro enumerando a quantidade dos assuntos que vertem cada atividade:

	<b>CONTEXTO DA ÉPOCA</b>	<b>FORMA E SEMÂNTICA</b>	<b>MULHER</b>
<b>TROVADRISMO</b>	1	17	12
<b>HUMANISMO</b>	7	16	1
<b>CLASSICISMO</b>	0	25	3
<b>BARROCO</b>	1	27	4
<b>ARCADISMO</b>	7	34	4
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>119</b>	<b>24</b>

Antes da apresentação da análise, é importante ressaltar que

*“a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.”* (Bakhtin, 1990, p. 36)

Na continuidade, vamos apresentar um exemplo de cada capítulo para expor a relação de gênero, podendo ser de linguagem verbal ou não verbal.

No Trovadorismo, a característica fundamental é a vassalagem amorosa. De acordo com o estudo, as questões em torno do período literário voltam-se às características físicas e psicológicas da mulher a quem o trovador dedica sua trova. Tomemos como exemplo a questão 4 (página 51) onde se diz “No poema, o eu lírico descreve a amada sob diferentes aspectos. a) Agrupe os aspectos descritos em duas categorias: características físicas e características psicológicas. b) O que se pode concluir sobre a opinião que o eu lírico tem da amada?”. O trovador Bernart de Venradorn descreve sua amada de maneira submissa:

*Em boas direções tenho posto as minhas esperanças,  
quando ela me mostra belos sorrisos  
que cada vez mais ambiciono e quero admirar;  
liberal, generosa, leal e dedicada,  
que a um rei haveria de fazer feliz.  
Formosa, gentil, com um corpo bem proporcionado,  
que de pobre que era me fez um homem rico.*

A escultura que se constrói através das palavras é de uma grandeza impressionante por parte do poeta, no entanto, sua abordagem, em uma sala de aula, nos os dias de hoje, deve ter atenção necessária para que modelos sejam questionados. Segundo Gomes (2003, p.70),

A ideologia patriarcal explica a relação desigual existente entre os sexos como natural e harmoniosa. O determinismo biológico foi sendo assentado pela ideologia burguesa como parte natural da identidade feminina, passando a definir os sentimentos, as ações e os pensamentos da mulher.

Podemos dizer que o material didático não se atualiza, de acordo com as lutas engendradas pelos movimentos feministas. Não se propõe, por exemplo, uma reflexão mais crítica sobre o posicionamento da mulher como objeto contemplativo e seu processo de luta na história da humanidade até os dias de hoje. Desse modo, a leitura da poesia passa despercebida pelo material, prevalecendo a análise superficial e anacrônica da obra.

No mesmo capítulo, há um boxe que se chama “O que você pensa disto?”. Único momento em que se propõe uma reflexão sobre o contexto atual onde se interroga “Essa visão idealizada da pessoa amada está ainda presente na cultura de nossos dias?” (página 55). Contudo, não acontece uma proposta mais enfática de complexidade e continuidade em relação à temática.

No caso do Humanismo, capítulo seguinte, o principal elemento encontrado sobre a relação de gênero é a pintura de Jan van Eyck “O casamento dos Arnolfini”

(página 71) cujo livro didático tece um comentário interessante sobre a representação da mulher, de classe privilegiada, na obra. Segundo a citação, a mulher validava a posição do homem; dava a ele credibilidade nos negócios, pois, tratava-se de um homem de família.

Em seguida, na mesma página, temos uma questão que busca relacionar a pintura à poesia de Petrarca: “Em muitas cantigas de amor do Trovadorismo, o eu lírico fazia elogios à mulher amada. Ocorre o mesmo neste poema de amor de Petrarca, ou seja, o eu lírico se dirige a uma mulher em especial? Justifique.”. Ainda que o eu lírico da poesia de Petrarca não descreva a mulher amada, mas questione a si mesmo, a questão retoma o Trovadorismo. A retomada, além de interligar as características entre os períodos literários, tem um valor ideológico exterior a ela. Ou seja, “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo” (Bakhtin, 1990, p. 31). Vejamos a poesia:

*Se amor não é qual é este sentimento?  
Mas se é amor, por Deus, que cousa é a tal?  
Se boa por que tem ação mortal?  
Se má por que é tão doce o seu tormento [...]* (página 70)

Após a apresentação do poema, e possivelmente sua leitura em sala de aula, o material didático busca relacioná-lo à mulher do trovador e a da pintura de Eyck, principalmente, quando se diz na questão 3 a seguinte interrogação “b) Tomando esse casal como representante da burguesia, qual parece ser a posição social dessa classe na época? Justifique com elementos da pintura.”. Ocorre uma construção de sentidos estabelecida pelo uso das linguagens verbal e não verbal. Orlandi (2003, p. 45) afirma que “a evidência do sentido, que, na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção.”.

“A literatura é a expressão dos homens sobre cada uma das coisas” (Todorov, 2003). Desse modo, a pintura de Rafael (página 88) “O sonho do cavaleiro” que precede a poesia, não deve ser contemplada apenas em sua poética de criação, em relação à tinta, ao traçado, ao contorno, coisas do tipo. “Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa” (Todorov, 2003).



A posição de santidade da mulher se fortalece ainda mais na questão de número 2 “A deusa Minerva, à esquerda do cavaleiro, oferece a ele uma espada e um livro. Vênus, à direita, oferece-lhe um ramo de flores. Esses elementos representam futuros possíveis para o cavaleiro. Que tipo de atividade cada elemento sugere?” (página xx). De um modo ou de outro, a questão traz consigo a presença do sistema patriarcal. “As palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. [...] Tudo que dizemos tem, pois, um traço

ideológico em relação a outros traços ideológicos.” (Orlandi, 2003, p. 43).

Podemos dizer que o mesmo acontece na pintura de Leonardo da Vinci (página 93) “Leda e o cisne” cuja mulher apresenta-se nua, dando maior destaque a seu corpo:



A mulher é desejada, não tem desejo; é contemplada, não contempla; é amada, não ama. Tomemos como base duas questões: a de número 1 “As estrofes descrevem momentos distintos vivenciados pelo eu lírico perante a sua “senhora”. [...]” (página 99), e a de número 5, “A atitude do eu lírico em relação à sua amada é de um distanciamento respeitoso. [...]” (página 99). O modo como se apresenta a palavra é o modo como os autores concebem-na ideologicamente, ainda que não por completo. De acordo com Bakhtin (1990, p. 41), “a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo

daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e vem formados”.

Nos capítulos que se apresentam o Barroco, na poesia de Gregório de Matos, teremos a apresentação da mulher como uma parte de seu todo (Pintura admirável de uma beleza, página 146). O eu lírico descreve elementos da natureza belissimamente. Após tal percurso finaliza o poema dizendo “Vês tudo isto bem? Pois tudo é nada/À vista do teu rosto, Catarina.”. No poema seguinte também se descreve, porém, o eu lírico reduz a mulher a um “rostinho” (página 147). Com isso, o material didático questiona “Que tipo de metáfora representa o rosto da amada em cada poema?” (página 147).

Como temos dito, a presença da mulher é muito marcada por sua passividade, ora angelical, ora infantil, ora como parte de seu todo. Ao contrário do homem que sempre se mostra ativo, gladiador, ousado em suas conquistas. É possível observar a posição de inércia que as mulheres são colocadas diante dos acontecimentos do mundo. Os homens vão à guerra e elas o servem, apenas. A literatura não é fato isolado do mundo. Ela representa um tempo, e sua leitura altera-se de acordo com cada tempo, não deve ser contextualizada somente no momento de sua criação, pois “a literatura refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão dos homens sobre cada uma das coisas. Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa.” (Tubinger. Apud Todorov, 2003, p. 60).

Por fim, em *Marília de Dirceu* (páginas 174 e 175), Tomás Antônio Gonzaga não é diferente de qualquer outro poeta de qualquer época que escreve para sua amada.

*Parte I, Lira II*

[...]

*Tu, Marília, agora vendo  
De amor o lindo,  
Contigo estarás dizendo,  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é Deus suposto:  
Se há Cupido, é só teu rosto,  
Que ele foi quem me venceu.*

*Parte III, Lira III*

[...]

*Se encontrares louvada uma beleza,  
Marília, não lhe invejes a ventura,  
Que tens quem leve à mais remota idade  
A tua formosura.*

[...]

Vale ressaltar que a análise não está centrada na poesia em si, visto que o poema é mais forte que a própria vida, porém, “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (Todorov, 2012, p. 27). Por isso, a abordagem que o material didático aplica, não leva em consideração uma visão de submissão da mulher em relação ao homem.

Para finalizar a análise do material da SM, vejamos a questão de número 6 (página 175) que deixa marcada a presença da mulher como um ser angelical, divino. “Ao final, o poema indica uma mistura entre o mito (Cupido) e o humano (Marília). Explique por que essa fusão aponta para uma idealização amorosa”. Definitivamente, o patriarcado vem aprisionando “as mulheres a estereótipos extremos a partir da visão masculina do que seria o ideal feminino. Esse ideal, por sua vez”, empunhando “às mulheres um comportamento marcado pela ausência de autonomia e pela subserviência” (Wiechmann). Essa ligação da mulher à passividade coloca-a sempre como uma estátua para ser contemplada. Uma estátua sem vida, sem sonho, sem desejo, sem história...

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os avanços sociais conquistados em nosso país em consonância com as grandes tecnologias e as mais variadas pesquisas científicas não alteraram radicalmente o comportamento nas relações humanas. As mudanças ocorrem de maneira lenta e superficial para o universo de milhares e milhares de mulheres que desde a infância sofrem com as repressões, aceitando a condição imposta

de “servir ao homem”. Já na infância de meninos e meninas perpetuam-se valores machistas através da família, da televisão, da música, da religião, da comunidade e, na escola, através do conhecimento acumulado pela humanidade “branco, hetero e masculino”.

De acordo com os dados apresentados no Mapa da violência 2015<sup>2</sup>, o Brasil é o 5º país, de 83 do mundo, em taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Entre os anos de 2006 e 2013, alguns estados apresentaram quedas leves e outros com quedas significativas, entretanto, em 22 estados as taxas cresceram com ritmos variados. Enquanto que São Paulo apresentou uma queda de mais de 30%, Roraima quadruplicou o número de homicídios de mulheres em sete anos.

As análises, ainda que simples, demonstraram que a abordagem do livro didático não se propõe a romper com a lógica de superioridade do homem sobre a mulher. Ao não se comprometer com esse debate, podemos dizer que o material deixa nas mãos do/a profissional da educação essa mediação.

Não basta apenas que os/as profissionais da educação façam a mediação e ampliem o debate sobre a violência de gênero. Já que é gasto dinheiro público na compra de livros didáticos, é preciso que as editoras também se comprometam com a discussão e ofereçam em seus materiais propostas que atendam às necessidades atuais. Caso contrário, cada vez mais mulheres sofrerão violências diante do alçóz homem, pois na escola ensina-se que a mulher é um objeto a se contemplar. Objeto que não sonha, não pensa, não senti, não sofre e não ama.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. **Igualdade de gênero e co-educação: reflexões necessárias para a construção da democracia.** In: SIERRA, Jamil Cabral & SIGNORELLI, Marcos Claudio (Orgs.). Diversidade e Educação: Intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. MATINHOS: UFPR Litoral, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Editora HUCITEC. São Paulo, 1990.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. **Da crítica feminista e a escrita feminina.** Revista criação & Crítica, n. 8, p. 1- 11, abr. 2012. Disponível em: [HTTP://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC\\_PCRRMCCunha.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_PCRRMCCunha.pdf). Acessado em 22/07/2015.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos**

---

<sup>2</sup> [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)

**quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

GOMES, Melissa Carvalho. **Imagem e auto-imagem: identidade feminina no cânone literário brasileiro.** Signótica, v. 15, n. 1, p. 63-75, jan/jun. 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 11ª edição. Editora Pontes, 2013. Campinas, SP.

PEREIRA, Bonfim Queiroz Lima & MELO, Márcio Araújo. **A escolarização da literatura e o livro didático.** Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Cadernos do CNLF, Vol. XVII, no 10. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Novos movimentos sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero.** Revista Internacional de Direito e Cidadania, n9, p. 81-91, fevereiro/2011.

**Ser protagonista: Língua Portuguesa, 1º ano: Ensino Médio.** Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM; editor responsável Rogério de Araújo Ramos. 2ª edição. São Paulo: Edições SM, 2013.

SIGNORELLI, Marcos Claudio. **Violência de gênero: um desafio para a educação.** In: SIERRA, Jamil Cabral & SIGNORELLI, Marcos Claudio (Orgs.). Diversidade e Educação: Intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. MATINHOS: UFPR Litoral, 2014.

SILVA, Cristiani Bereta da. **O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero nos livros didáticos de história.** In: Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Difel, 2012.

WIECHMANN, Natalia Helena. **A crítica feminista e a autoria feminina.** Revista VOCÁBULO: Revista de Letras e Linguagens Midiáticas.